REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

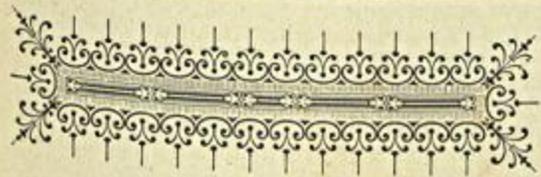
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 441

21 DE MARÇO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje abundancia : nada menos que quatro acontecimentos artisticos e acontecimentos de primeira ordem se impõe á nossa chronica : — a primeira representação em D. Maria d'um drama original em verso de um dos mais gloriosos auctores dramaticos da nossa terra: a primeira representação em S. Carlos d'uma opera portugueza feita, por um dos nossos mais illustres professores de musica, sobre um libretto extrahido d'um drama, que é uma das mais puras glorias litterarias de Portugal : a inauguração d'uma exposição de Bellas Artes nacionaes, e o reapparecimento na nossa scena lyrica d'um tenor que é hoje um dos primeiros do mundo — o celebre Tamagno.

Raras vezes se accumulam em dez dias da vida lisboeta quatro novidades artisticas d'esta importancia excepcional, e d'essa accumulação vem-nos implacavelmente a necessidade de ser muito breve em relação a cada uma d'ellas, de fazer em vez d'uma chronica, um punhado de rapidas noticias, noticias em que seguiremos a ordem chronologica para fugirmos a procurar primasias entre esses quatro acontecimentos, todos elles de tão alto valor artistico, e tres de tão notavel importancia nacional.

A chronologia apresenta-nos em primeiro lugar aquelle que; se procurassemos primasias, deixariamos para ultimo, n'uma chronica portugueza, em que assumptos portuguezes, em primeiro lugar se devem sempre impôr — as recitas de Tamagno.

Tamagno era uma das divindades da trindade de tenores que ainda ha pouco tempo a dominava no mundo lyrico contemporaneo—Massini, Gayarre e Tamagno — e esta ordem de inscripção não é precisamente arbitraria, é a ordem porque elles eram cotados no mundo lyrico em geral, e nas nossas predilecções em especial.

A morte veio ha pouco mais d'um anno desmanchar esta trindade artistica, atirando para o tumulo em plena aureola da fama o pobre Gayarre.

Ficaram só os dois; Massini e Tamagno — o tenor da delicadeza e o tenor da força, um o malabar do canto, o outro o athleta da voz. O que Massini era ha pouco tempo sabemol-o nós todos que o ouvimos cantar com a Patti aquelle *Barbeiro de Sevilha* unico, cuja recordação não se apaga mais em quem o ouvio uma vez; como está hoje não o sabemos ao certo, porque a respeito dos cantores notaveis que passam pelo nosso palco ha entre nós a costumeira de se dizer sempre d'ali a mezes que estão estragados; ainda ha pouco se disse isso da Theodorini e no fim de contas ella veio e está melhor do que nunca esteve, está na plena posse de todos os seus excepcionaes recursos de cantora e de comediante.

Do Massini tem-se dito por ahi que já não é o mesmo, que a sua voz ficou muito alterada depois d'uma bronchite que teve ha um anno na America.

Não sabemos se é assim ou não, o que sabemos é que do Tamagno tambem se disse o mesmo, até se escreveu ainda ha semanas nos jornaes e elle appareceu-nos no *Othello*, magnifico, soberbo, muito melhor do que era aqui ha cinco annos, porque a voz perdeu quasi que totalmente o timbre nasal, que era um dos seus defeitos, porque o trabalho e a pratica aprimoraram a arte do cantar, porque o estudo especial que do Othello fez com Verdi e com Boito lhe desenvolveu qualidades de comediante e de comediante de primeira ordem, que d'antes lhe faltavam completamente.

E por isso a noite da sua reapparição em S. Carlos foi uma noite de curiosidade e de enthusiasmo.

O publico não acreditou tanto nas versões pessimistas que correram a respeito de Tamagno, que não corresse a assignar o theatro todo para as suas recitas, apesar da elevação dos preços, mas não acreditou tão pouco que não fosse para o theatro com o seu palpite de assistir senão a um *fiasco* pelo menos a uma vulgaridade.

CONSELHEIRO JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO — FALLECIDO EM 9 DO CORRENTE

(Segundo uma photographia)

E no primeiro acto o seu palpite não cahiu por terra. O Othello que Tamagno apresentou no duetto d'amor com a Theodorini não era mau, mas não era um Othello por ahi além.

No segundo acto o palpite começou a falhar. Na scena com Yago, Tamagno ouviu o *raconto* do sonho de Cassio como um tenorino qualquer, mas depois na *Santa Memoria* e no duetto final principiou a mostrar que aquelle Othello era alguem.

No terceiro acto, mostrou que aquelle Othello era um grande artista, no quarto, que era uma verdadeira celebridade.

N'esse acto Tamagno foi positivamente assombroso.

Esse seu trabalho excedeu tudo que se esperava d'elle, tudo que de melhor elle tinha até então feito em Lisboa e o publico deslumbrado fez-lhe uma ovação extraordinaria.

A sua segunda opera foi o *Poliuto.* Ahi foi o mesmo cantor notabilissimo que já conhecemos na velha opera de Donizetti e a surpreza para o publico foi a Buliccioff que cantou extraordinariamente a parte de Paulina, erguendo-se a altura do Tamagno no grande duetto do terceiro acto, rivalisando com elle em maravilhas de canto e tendo tão grande ovação como elle no fim da opera—uma ovação como a illustre cantora nunca tinha tido em S. Carlos, e justa porque nunca cantara como n'essa opera cantou.

A *première* do *Poliuto* coincidiu com a primeira representação em D. Maria do drama em 5 actos em verso de D. João da Camara *Alcacer-Kivir.*

O nome glorioso de D. João da Camara, o seu extraordinario talento tão brilhantemente affirmado no *D. Affonso VI*, fizeram d'essa *première* um acontecimento de sensação na nossa terra.

Com muitos dias de antecedencia não se encontrava um logar para assistir a essa festa litteraria, e o theatro de D. Maria teve n'essa noite uma enchente á cunha, uma enchente em que se via tudo o que ha de mais distincto na sociedade de Lisboa, como se n'essa noite não houvesse uma *première* do Tamagno no theatro de S. Carlos.

O *Alcacer-Kivir* confirmou os altos creditos litterarios que D. João da Camara conquistára no *D. Affonso VI* e continuou o grande triumpho que o seu brilhante talento está alcançando no theatro Portuguez.

Do primeiro ao ultimo verso o *Alcacer-Kivir* é um trabalho litterario impeccavel e os primores succedem se n'uma prodigalidade de predulario desde que o panno se ergue no primeiro acto, até que cae sobre a scena dolorosa, lugubre mas logica, que termina aquelle drama de amor em que a parte puramente historica é apenas episodica, motivo porque o auctor não deu muito propositalmente decerto o nome de drama historico ao seu brilhante trabalho, apesar de durante a acção se passar e tendo n'ella influencia culminante, um dos factos mais tristemente salientes da nossa historia — a batalha de Alcacer-Kivir.

E exactamente pela influencia que esta batalha tem na acção dramatica da peça de D. João da Camara é que nós achamos, ao contrario da opinião de alguns collegas nossos, que foi bem achado para o drama o titulo de *Alcacer-Kivir.*

Da sorte d'essa batalha dependia perfeitamente o desenlace da peça: é claro que se em vez de Alcacer-Kivir ser a derrota em que se afundou a nacionalidade portugueza, fosse um triumpho, se D. Sebastião em vez de morrer nas plagas africanas voltasse victorioso ao Reino, o cardeal D. Henrique não empunharia nas suas mãos senis o sceptro do poder, D. Guido o valente militar companheiro do aventuroso rei não seria entregue ao conde d'Ossa para ser suppliciado na inquisição e o drama intimo que constitue a acção principal da peça teria fatalmente outro desenlace.

Esse drama é simples, não tem complicações de enredo, mas é profundamente humano e magistralmente estudado.

D. João da Camara com o talento superior que o caracterisa desenhou com mão de mestre o quadro onde se desenrolava o seu drama, não lhe esquecendo o mais pequeno accessorio dando-nos a visão da epoca com o mesmo talento, com a mesma verdade pittoresca com que no *D. Affonso VI* nos deu aquelle magestoso quadro da portaria do convento.

O 1.º acto do *Alcacer-Kivir* vê-se que foi desenhado pelo mesmo lapis fiel, pintado pelo mesmo pincel cheio de colorido.

O drama intimo esboça-se logo ahi distinctamente para se accentuar com uma pujança maravilhosa que não exclue a singeleza encantadora no quarto acto, para se epilogar logicamente no quinto, com a transformação que a derrota de Alcacer-Kivir trouxe á côrte de Portugal.

Póde ser que o drama seja um pouco deluido, que segundo as regras theatraes se arraste um bocadinho de mais pelos cinco actos sem aquella intensidade de interesse dramatico que o theatro exige, mas esses cinco actos são tão bem feitos, estão tão artisticamente cheios, a parte episodica e os personagens accessorios estão tratados com tão subida arte que nem um momento durante esses cinco actos o interesse do espectador diminue nem um momento a peça cança.

Os personagens todos desde os mais importantes até aos mais incidentaes estão desenhados primorosamente com delicadeza e ao mesmo tempo segurança de traço verdadeiramente excepcionaes.

Como dissemos no principio da nossa chronica, não podemos fazer senão uma simples noticia e por isso não podemos analysar detalhadamente cada um d'esses personagens, alguns dos quaes são verdadeiras obras primas, como o de D. Fuas o fidalgo cavalheiroso que não pensa senão na sua dama e nos seus duellos, um fidalgo recurtado pelos moldes do heroe da Mancha, o de Beltrão, e de Sancha Mocho, e até o do proprio D. Sebastião que apenas entra em duas scenas, mas que não é de modo nenhum uma figura apagada, pois em dois traços vigorosos João da Camara soube pôl-a em relevo.

Graças a essa potencia vigorosa de traço não ha no *Alcacer-Kivir* personagens insignificantes apesar de haver muitos papeis pequenissimos, e um que litterariamente é uma qualidade magistral da obra, theatralmente prejudicou-a um pouco, porque sendo muitos esses personagens nem todos puderam ter a execução artistica cuidada que lhes era indispensavel e se uns tiveram a sorte de ter esse relevo na representação como os de Cunha Vianna e Joaquim Costa, outros fôram muito prejudicados ao passarem do manuscripto para o palco.

O publico fez uma extraordinaria e justissima ovação a D. João da Camara, ovação que se tem repetido todas as noites e que faz prever ao *Alcacer-Kivir* a carreira gloriosa de *D. Affonso VI.*

Na primeira noute houve scenas em que os applausos estouravam a cada verso como por exemplo na diliciosa *tirade* de D. Fuas no segundo acto, *Senhor! Pela minha dama! tirade* que Brazão diz magistralmente e no fim do qual João da Camara teve mesmo no meio do acto, uma chamada e muitos applausos.

No ultimo acto ha tambem uma *tirade* que é um verdadeiro primor litterario — a descripção da batalha de Alcacer-Kivir.

Os versos magnificos pululam em toda a peça, e entre um dos melhores trechos do Alcacer-Kivir figura o descripção dos ataques epelepticos da bruxa na Charneca, que Augusto Rosa diz maravilhosamente.

O Occidente publica hoje um *croquis* da scena final do 3.º acto do *Alcacer-Kivir.*

O desempenho do *Alcacer-Kivir* é muito desegual como não podia deixar de ser attenta a abundancia de pequenos papeis que precisam grandes artistas.

No primeiro plano destacam-se pela excellencia da execução Brazão, Augusto Roza, João Roza, Ferreira da Silva, Virginia e Roza Damasceno.

O actor Pinheiro que é um artista que começa, que é muito intelligente e que tem diante de si um brilhante futuro tem a seu cargo um papel completamente avesso á sua indole artistica — o de D. Sebastião.

Disse-o bem, no seu lugar, porque é muito intelligente mas faltou-lhe a linha geral do personagem.

Na primeira noite houve algumas hesitações no *ensemble*, hesitações provenientes do systema de ensaios que ha geralmente nos nossos theatros e a que nos referiremos com mais vagar e mais espaço, n'outra chronica.

No fim do 3.º acto do *Alcacer-Kivir*, na 1.ª noite, D. João da Camara, foi chamado ao camarote de El-Rei que assistia ao espectaculo com sua magestade a Rainha e agraciado com o collar de official da ordem de S. Thiago.

*
* *

O Gremio Artistico ha pouco tempo instituido em Lisboa inaugurou no domingo 15 a sua primeira exposição e inaugurou-a muito bem por que a exposição, ao que nos dizem, tem quadros de grande valor, trabalhos que honram muito os artistas portuguezes.

No dia da inauguração a exposição foi visitada por Suas Magestades que adequeriram alguns dos quadros expostos.

A concorrencia de visitantes tem sido numerosa apesar do mau tempo que tem feito n'estes ultimos dias.

O Occidente começa hoje a occupar se largamente em artigo especial d'essa exposição, que representa um acontecimento artistico importante na nossa terra, e por isso limitamo-nos apenas a registar aqui esse acontecimento, enviando para o referido artigo os nossos leitores que quizerem ter da exposição do Gremio Artistico mais ampla noticia, noticia que não damos aqui por duas rasões, das quaes qualquer dispensava outra, absoluta falta de espaço, e absoluta incompetencia no assumpto.

*
* *

Falta-nos fallar da opera portugueza, do *Frei Luiz de Sousa* do maestro Freitas Gazul, o illustre professor do Conservatorio Real de Lisboa, mas d'essa opera apenas podemos registar o brilhante successo, porque acabamos agora de assistir á primeira representação d'ella e é claro que não é sómente por uma audição que se póde apreciar qualquer opera e muito principalmente uma opera essencialmente *Savante*, como é o *Frei Luiz de Sousa*, um drama lyrico feito segundo os mais modernos processos e que para ser devidamente apreciado necessita de ser ouvido mais d'uma vez, e com uma attenção minuciosa como não póde haver n'uma primeira noite, noite de festa em que a todo o momento a opera está a ser interrompida para se victoriar o seu auctor.

Gazul teve uma grande ovação, repetidas chamadas no fim dos actos e valiosos brindes dos seus admiradores, sobresahindo entre elles pela sua especial importancia, uma batuta offerecida por todos os professores do Conservatorio Real de Lisboa, collegas do illustre maestro, uma bilheteira de prata pela orchestra de S. Carlos e uma corôa pela orchestra da Trindade, de que Gazul é director.

Os artistas encarregados dos principaes papeis do *Frei Luiz de Sousa* houveram-se brilhantemente a não sabemos por que elogial-os mais, se pela maneira deveras notavel como cantaram e representaram a opera de Freitas Gazul, se pela boa vontade, pela dedicação com que todos trabalharam n'essa obra portugueza, pelo calor com que prestaram o auxilio do seu talento ao successo do notavel trabalho do nosso illustre compatriota.

Não é muito vulgar encontrar esta boa vontade em artistas de alta cathegoria, que de ordinario se furtam o mais possivel a estudar operas que não fiquem no seu reportorio, a ter um grande trabalho com papeis que representam apenas duas ou tres vezes.

Gazul encontrou esta rara boa vontade em todos os seus interpretes de S. Carlos, a começar pela grande cantora Helena Theodorini, que artista de coração está sempre prompta a auxiliar com o seu brilhante talento todas as obras d'arte, como o tem provado exhuberantemente em Lisboa onde em tres epochas creou tres operas portuguezas — os *Dorias* de Augusto Machado, a *D. Branca* de Alfredo Keil e *Frei Luiz de Sousa* de Freitas Gazul; encontrou-a em Gabrielesco que não só prestou a parte de Frei Luiz de Sousa o encanto da sua explendida voz como tambem todo o cuidado do seu notavel talento artistico; em Menotti artista de alta cathegoria que se encarregou d'um papel para elle insignificante, em Brambilla que teve que estudar muito para se adaptar a um personagem difficil e que não estava muito na sua indole artistica e que o fez distinctamente, em Wulmann que foi um esplendido romeiro e finalmente em Mancinelli, o illustre maestro que ensaiou brilhantemente a opera, interessando se por ella com a mesma dedicação com que se interessaria se se tratasse d'um trabalho seu.

Não queremos fechar a nossa chronica sem pagarmos aqui como portuguezes a nossa parte da divida em que estamos para com esses excellentes artistas, pela brilhante cooperação que deram á obra d'arte d'um nosso compatriota illustre, e do *Frei Luiz de Sousa* diremos mais largamente depois de ter ouvido mais vezes a opera de Freitas Gazul e de poder fazer d'ella mais segura e consciensiosa apreciação.

Gervasio Lobato.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

Ha bons vinte e quatro a vinte e cinco annos que conhecemos José Silvestre Ribeiro; nós ainda não tinhamos chegado á maioridade dos vinte e cinco annos, que então marcava o codigo para a eman-

cipação, elle tocava os sessenta já um tanto alquebrado e doente.

Encontrámo-nos pela primeira vez no escriptorio da typographia Franco-Portugueza, onde Miguel Monteiro, guarda livros d'aquella casa e que poucos annos depois morreu desgraçadamente lançando se d'uma janella do Hotel Francfort para o saguão, editava ao tempo a nova serie do *Panorama*.

Foi o pobre Miguel Monteiro que nos apresentou ao velho liberal, que ali ia levar provas d'um artigo que estava publicando no *Pancrama*, e desde logo entramos em conversa, notando com grande espanto intimo que o conselheiro José Silvestre Ribeiro, que nós julgaramos até áquelle momento como homem todo entregue a leis e a questões administrativas, encadernado na sua carta de conselho de ex-ministro da corôa, era tambem um litterato de fino quilate, amante dos grandes poetas e dos grandes prosadores, criticando, na lingua de Camões, a *Divina Comedia* do Dante, a obra de Calderon de La Barca, fallando-nos, em fim, muito mais de litteratura que do espirito das leis, o que em verdade nos foi muito mais agradavel e util, porque d'esta sua conversa sempre se aprendia alguma cousa.

Aqui está como conhecemos o conselheiro José Silvestre Ribeiro, o homem que até ali conheciamos apenas pelo seu nome glorioso, como o dos mais valentes portuguezes que combateram pela causa da liberdade; valentia de que elle aos sessenta annos era tão sómente uma tradição, na sua figura alquebrada e doentia, vivendo muito mais do espirito, cuja viveza se espelhava no brilho dos seus olhos, do que da minguada materia já um tanto ossificada.

E comtudo é das mais gloriosas a historia de José Silvestre Ribeiro como valente defensor da liberdade, defensor de arma na mão, batendo-se heroicamente desde 1826, como simples soldado do batalhão Academico até á occupação de Lisboa pelas tropas liberaes, em 1833.

E batendo-se valentemente com a arma na mão, tambem não foi menos valoroso batendo-se com a palavra, quando, ainda nos bancos da universidade, no seu modesto logar de estudante, levantava a sua voz para refutar, com toda a convicção da sua alma e com todo o enthusiasmo dos seus 19 annos as idéas absolutistas do conego secular de S. João Evangelista, João Baptista, Teixeira de Sousa, que em plena aula defendera e gavara as excellencias do absolutismo. Póde dizer-se a respeito de José Silvestre Ribeiro que a lucta pela liberdade principiou nos bancos da escola e que as idéas que ali affirmou com a palavra soube sustental as e defendel-as com o braço até ao triumpho da sua causa.

*
* *

Em 1824, contando 17 annos de edade, pois nascera em 31 de dezembro de 1807, em Idanha-a-Nova, matriculou-se José Silvestre Ribeiro na universidade de Coimbra, onde cursou brilhantemente o curso de direito, embora interrompido pelas luctas da liberdade.

Foi em 1826 que elle se alistou voluntariamente no batalhão Academico, para ir á Beira Alta soffocar a revolta miguelista que se manifestára d'aquella provincia.

Voltando o seu batalhão vencedor, foi este dissolvido e José Silvestre Ribeiro continuou o seu curso, que novamente interrompeu, para tomar parte na revolução liberal que rebentou em Coimbra no dia 22 de maio, contra o governo absoluto de D. Miguel

José Silvestre Ribeiro foi dos principaes auctores d'esta revolução e fez parte do batalhão Academico, que novamente se formou, tendo o posto de aspeçada (1). O malogro d'esta revolução fez com que a maior parte dos que n'ella figuraram emigrasse para o estrangeiro e no numero d'estes contou-se José Silvestre Ribeiro que fugiu para a Galliza e passou depois a França, onde viveu durante algum tempo, dando lições do que sabia e fazendo escripturação commercial para ganhar alguns parcos meios de subsistencia. Eram mais sobrios estes revolucionarios do que alguns que hoje se vêem por esse mundo fazendo boa provisão d'haveres para o exilio.

Formando-se em Belle-Isle um grupo de emigrados para passarem á ilha Terceira, entrou n'esse grupo José Silvestre Ribeiro e chegado que foi á ilha, logo sentou praça no batalhão de voluntarios academicos sob o commando do valente João Pedro Soares Luna.

1 Estes e outros pormenores encontram-se na biographia de José Silvestre Ribeiro, publicada no *Conimbricense* pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Foi encorporado n'aquelle batalhão que José Silvestre Ribeiro desembarcou no Mindello no dia 8 de julho de 1832. O primeiro serviço que fez foi ir na expedição que embarcou na Foz, abordo do vapor *Cidade de Edimburgo*, com destino a Villa do Conde, para se apoderar da artilheria e munições de guerra que ali estavam.

De volta ao Porto tomou parte importante na defeza da Serra do Pilar, ponto a que convergiam todas as forças das tropas miguelistas, como o principal para fazer render a cidade.

É n'esta heroica defeza que mais se avantaja José Silvestre Ribeiro, e o seu valor é reconhecido pelo governo liberal que o distingue com o habito da Torre e Espada, premiando assim o valente voluntario que, com ostros tambem premiados, mais se distinguiram na resistencia aos ataques dos dias 8 a 11 de setembro.

Repetiram-se aquelles ataques desesperados nos dias 13 e 14 de outubro immediato, mas encontraram a mesma resistencia, sendo completamente batidas as forças setiantes e triumphando os valorosos defensores da Serra do Pilar. Ainda n'este segundo ataque José Silvestre Ribeiro é um dos valentes e a sua bravura é elogiada n'um officio dirigido pelo general José Antonio da Silva Torres ao conde de Villa-Flôr, depois duque da Terceira.

Na Serra do Pilar se conservou o nosso biographado, incumbido das fortificações e do telegrapho, e por essa occasião tambem escrevia para a *Chronica Constitucional do Porto* que ali se publicava.

Organisando-se a expedição militar que devia vir a Lisboa, partiu no dia 20 de junho da cidade do Porto em direcção ao Algarve e n'ella veio José Silvestre Ribeiro, sob o commando do duque da Terceira.

(Continúa) *Caetano Alberto.*

A EXPOSIÇÃO DO GREMIO ARTISTICO

I

Realisou-se no dia 15 do corrente a abertura solemne da primeira exposição de bellas-artes organisada pelo Gremio Artistico de Lisboa.

A impressão produzida no numeroso publico *d'élite* que concorreu a esta festa foi das melhores, e nem podia deixar de sêl o, tão harmonico é o conjuncto, tão grande avanço revelam os artistas nacionaes. Tem, pois, bastante de que se lisongear o Gremio e é justo que o publico corôe dignamente com os seus applausos os esforços d'essa pleiade brilhante de artistas e homens de lettras que no meio do desbarato nacional, ainda se occupa e preoccupa com cousas d'arte.

Estes esforços são tanto mais para louvar, quanto é certo que da epocha desgraçada que vae atravessando o nosso querido paiz, se havia de resentir o meio já de si acanhado em que até hoje tem vivido difficilmente a arte portugueza. Não houve mira no interesse material, nem podia havel-a; todos sabemos o que entre nós tem sido exposições do genero da que agora nos occupa. Ha pouco quem compre, não existem galerias particulares dignas d'esse nome, e portanto, falta o principal estimulo á arte que nem só de glorias póde viver.

Apesar de tudo porém, os nossos artistas não desanimaram; trabalharam, e bem, tendo em vista apenas patentear ao publico os seus já agora indubitaveis progressos. Este pela sua parte comprehendeu-os, e já não é pouco; applaudio os e tem comprado. Honra lhes seja.

*
* *

O conjuncto, dissemos, é dos melhores. Apparecem-nos artistas novos, ainda hontem por assim dizer ignorados, e que já hoje figuram honrosamente a par dos mestres. De todos elles fallaremos seguindo a ordem em que a nosso modo de vêr os collocam os seus trabalhos, assim começaremos pelo sr. Henrique Pinto, que até hoje não tinha conseguido vencer a indifferença dos entendidos em varias exposições do antigo Grupo Leão, e que agora se nos manifesta de uma maneira brilhante e distincta na sua *«Caça dos Taralhões»* uma formosissima téla que nos recorda vagamente Bastien Lepage, o grande mestre da escola franceza, e em cuja obra naturalmente o sr. Pinto se foi inspirar.

A meia encosta do monte em cujo cimo se destacam as primeiras casas do povoado sobre uma nesga de ceu, um garoto, que n'esse dia fez sem duvida uma *gazeta* á escola, está estendido por terra, espreitando attento a sua armadilha, que n'esta occasião interessa mil vezes mais do que os livros abandonados ao lado como um pezadello máo que porventura lhe recorda a carranca rispida do mestre escola e o ar soturno e pesado da aula.

Esta figura é bôa e apenas lhe notámos um leve senão, um defeito de desenho; aquella perna esquerda é por demais comprida. No que diz respeito á paisagem só lastimamos que sendo tão bem feita, se recinta immenso da falta de côr local E é sobre este ponto que desejamos chamar a attenção do sr. Pinto que na verdade nos authorisa a esperarmos muito da sua bôa vontade e manifesto talento, e a quem por esse motivo collocamos em primeiro logar. Repare o sr. Pinto nas télas de Silva Porto, o mestre, e veja como esta qualidade avulta em todos os seus trabalhos, dando-lhe os fóros de admiravel interprete da paisagem meridional, que ninguem como elle, até hoje tem reproduzido com mais verdade e sentimento.

Como elle apanha em flagrante e faz palpitar de realidade nas suas admiraveis telas os magicos esplendores com que a natureza dotou este canto da peninsula, desde a paisagem fresca e risonha de limitados horisontes do verdejante Minho, até ás extensas planicies que o Tejo banha ás charnecas adustas que um sol abrazador inunda de luz intensa e onde se não destaca a nodoa de uma sombra.

Que soberba e justa comprehensão da sua arte, que poderoso vigor dá a palleta d'onde brotou essa tela de um mimo e frescura inexcediveis e que representa o «Moinho do Gregorio.»

Este trabalho é, pensamos nós, o melhor de todos os que Silva Porto expõe, e francamente o que mais nos encanta de todos quantos temos tido a dita de apreciar produzidos até hoje pelo invejavel paisagista. A par d'esta impressiona nos agradavelmente o n.º 144 (*Cancella Leneleis*).

E' simplesmente adoravel de singeleza e verdade.

De resto em todos os restantes se revela a mesma individualidade poderosa e segura da sua arte embora com mais ou menos felicidade.

De todas as 15 telas d'este artista, a que mais chama as attenções do publico pelas suas dimensões e mesmo pela scena que reproduz, é, com franqueza, a que menos nos encanta, excepção feita ao n.º 156, que não nos agrada em absoluto.

«A' *porta da venda*» é uma tela de dimensões avantajadas, figurando um d'esses earros de recoveiros de Torres, que todos os que tem percorrido as estradas dos arredores de Lisboa conhecem bem,

O quadro é bem pintado, nem outra cousa era de esperar; a scena é verdadeira, mas tudo aquillo é tão arranjado, a carroça é tão limpinha de mais, tão nova que concorre para tornar a téla pouco interessante.

Dizemos o que pensamos sem as pretensões de grandes criticos e com todo o respeito que nos merece a obra de Silva Porto. De mais o illustre paisagista tem de ha longo tempo o seu lugar marcado entre os artistas portuguezes, e não será um erro affirmar que a elle se deve o desenvolvimento da pintura portugueza n'estes ultimos annos, desenvolvimento que a actual exposição tão evidentemente patenteia aos nossos olhos.

(Continúa) *A. A.*

AS NOSSAS GRAVURAS

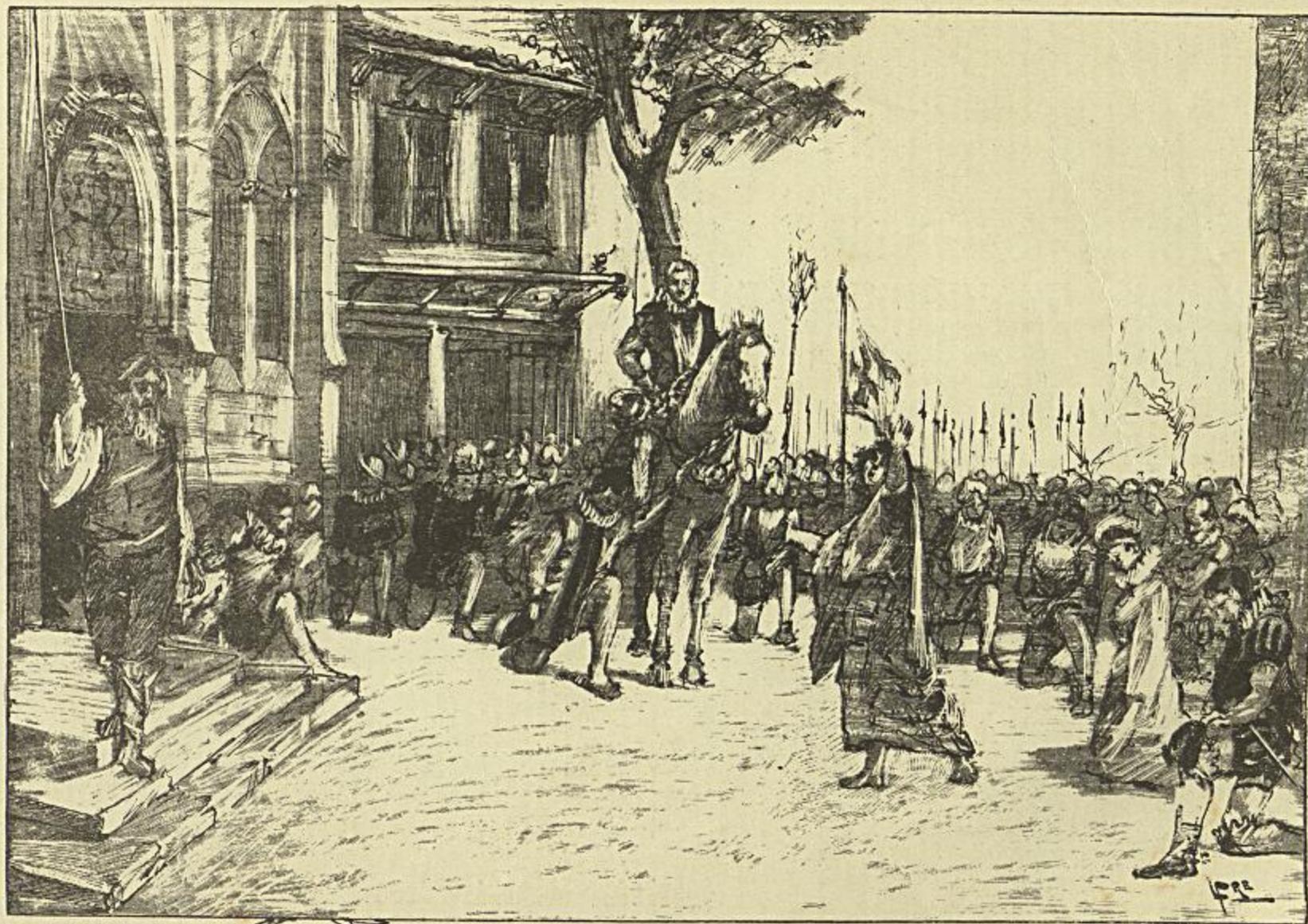
O PRINCIPE NAPOLEÃO

Apoz curta, mas dolorosa, enfermidade acaba de fallecer em Roma, na manhã de 17 do corrente, o principe Napoleão, um dos pretendentes ao throno da França, apezar das suas ideias republicanas manifestadas durante largo periodo da sua vida.

Napoleão José Carlos Paulo Bonaparte, mais conhecido pelo nome de Jeronymo Napoleão, era filho de Jeronymo Bonaparte, irmão do grande Napoleão I e que foi rei da Westphalia.

Nasceu em Trieste a 9 de setembro de 1822 e foi educado na Italia, completando a sua instrucção militar em Luisburgo no anno de 1840.

Passou então a França, entrando na carreira politica, em que logo manifestou as suas ideas avançadas combatendo o governo de Luiz Filippe, o que lhe valeu o ser desterrado.

THEATRO DE D. MARIA II

Representação do *Alcacer Kibir* — Scena final do 3.º acto

(Desenho de L. Freire) (Ver Chronica Occidental)

EXPOSIÇÃO DO «GREMIO ARTISTICO»

Inauguração da exposição nas salas da Academia de Bellas Artes,
com a assistencia de S. S. M. M. El-Rei D. Carlos e Rainha D. Maria Amelia, em 15 do corrente

(Desenho de Conceição Silva)

A republica de 1848 aproveitou-lhe os seus serviços e collocou-o embaixador em Hespanha, logar que deixou por desintelligencias politicas com o governo do seu paiz, voltando a França a occupar a cadeira de deputado pela Corsega, tomando assento na extrema esquerda e votando com ella em 1849.

Era então chefe do governo da França seu primo Napoleão como presidente da republica, e que depois se fez acclamar imperador, firmando o seu imperio nas pontas das byaonetas.

A attitude do principe Napoleão foi n'aquelle tempo como depois, de opposição ao governo, uma opposição, perém, que não couseguia abrir brecha nem tornal-o sympathico aos francezes, pelo inopportunismo com que era feita.

Foi sempre este o defeito do seu caracter que alguns criticos apresentam, como causa principal da sua impopularidade.

Tomou parte nas campanhas da Crimea e na guerra da Italia, e em 1866 serviu no corpo do estado maior do rei Victor Manuel, de quem era genro, pois casara em 1858 com a princeza Clotilde filha do valente rei de Italia Unida.

A morte do principe Eugenio filho de Napoleão III occorrida na Zululandia em 1879, modificou as ideas democraticas do principe Napoleão, que desde aquelle momento se considerou herdeiro dos direitos do fallecido filho de Napoleão III ou seja os da familia Bonaparte á restauração do imperio em França.

Tomou então o logar de pretendente ao throno, mas essas pretenções levantaram forte opposição dentro do partido bonapartista, porque se dividiram as opiniões entre os que o reconheciam a elle por chefe e os que preferiam o seu filho Victor a quem o finado principe Eugenio designára em seu testamento como herdeiro dos seus direitos.

Estabeleceu-se uma lucta de familia, que diga-se de passagem, não foi das mais edificantes em seus resultados, e com a qual decerto a França pouco se importou até ao momento em que o principe Napoleão publicou um manifesto em que pedia os votos da nação a seu favor como representante do partido bonapartista.

Este manifesto fez certo ruido e o governo da republica entendeu pedir contas d'elle ao seu auctor, pelo que foi preso na Conciergerie, adquirindo assim uma passageira popularidade.

A lei de junho de 1886, que expulsou do territorio francez todos os descendentes das monarchias desthronadas d'aquelle paiz, alcançou a familia Bonaparte, e o principe Napoleão com seus filhos teve que deixar a França e foi viver para Roma, onde a morte agora o colheu na sua parca inexoravel.

Foi motivo de grandes preoccupações a reconciliação do moribundo principe com seu filho o principe Victor, assim como a sua reconciliação com a egreja, mas afinal sempre se reconciliou, pois antes de morrer recebeu a seu filho e acceitou os soccorros espirituaes da religião.

No seu testamento, porem, não faz mensão de quem deve herdar os seus direitos ao throno de França, no que bem manifesta o desaccordo em que estava com o principe Victor.

O principe Napoleão era parente da familia real portugueza, sendo cunhado de sua magestade a rainha D. Maria Pia e tio d'el-rei D. Carlos, pelo que a corte tomou luto de 20 dias.

LAMARTINE

A sua grande voz não resoou sómente no coração da França. Essa voz pura e melodiosa em seus cantos, atroadora e sublime nas borrascas politicas e na defesa da humanidade, da liberdade, da justiça e da patria, derramou-se pelos ambitos da terra durante meio seculo, em ondas vibrantes de grandiosa eloquencia.

E nós tambem applicavamos o ouvido áquelles accentos inspirados, quer nos chegassem em forma de ternas elegias, de odes flammantes, quer em orações magnificas; e pistos os olhos na brilhante constellação das obras do insigne escriptor, não nos cansavamos de admirar até nas negligencias e nos rapidos improvisos da sua veia fecunda a variedade maravilhosa e a vasta plenitude do seu talento.

Se a natureza tivesse o sentimento das cousas, choraria sem duvida o mais gentil dos seus amantes. Elle meditou sobre os seus segredos augustos, contemplou-a reconcentrado em si mesmo com o pensamento nas alturas, d'onde descia fortalecido a sondar os abysmos do coração humano; falou d'ella no idioma de Platão quando nas margens do Ilisso, debaixo do famoso platano, deixava correr a sua livre e generosa facundia; pintou-a com côres arrancadas ao iris; apprendeu para nol-o traduzir em versos faceis, imitativos e cadenciosos, o murmurio do vento, o canto das aves, o fragor das torrentes na agreste montanha, e as ondulações harmonicas d'aquelle lago romantico, tranquillo espelho dos céos, onde todos alguma vez temos navegado, e que embalou em suas ondas suspirantes a fragil barca da sua felicidade e do seu amor eternizado pelo seu nume divino.

Em que tempos, sob que estrella appareceu nas lettras o inspirado vate? Qual foi o caracter das suas obras, a sua influencia litteraria e o papel que lhe tocou representar na sua peregrinação por este mundo? São perguntas a que mal se póde responder no limitado espaço de um periodico. Mas faremos como os viajantes que passam rapidamente pelas costas da Attica: esboçaremos os classicos cimos á vista e as columnas em pé dos templos derruidos.

Alexandre, diz Seneca, arrebatou ás cidades da Grecia o melhor que tinham: a liberdade os lacedemonios, a eloquencia aos athenienses. Outro tanto pode dizer-se de Napoleão I e da França. Alli o canhão tinha a palavra. O estro radiante de André Chénier eclipsara-se entre vapores de sangue, emquanto o echo dos seus hymnos se perdia entre o estrepito dos clarins de Austerlitz e Marengo: as musas estremecidas haviam fugido para o fundo dos bosques sagrados. Entretanto as hostes imperiaes na embriaguez da sua gloria sonhavam com avassallar o universo, olvidando lastimosamente o Cesar, o seu soberbo caudilho que não as armas, senão as idéas, só teem o poder de lhe perpetuar as conquistas. Veiu a Restauração e com ella uma especie de renascimento das bellas lettras que fazia recordar a epocha de Luiz XIV ou dos Medicis. Lamartine narrou com mestria esse periodo brilhante da historia e da litteratura do seu paiz, mas sem designar n'elle a parte principal que lhe coube na direcção dos espiritos ao lado de Madame de Staël e de Chateaubriand, nem indicar o encanto com que mais profundamente que ninguem penetrou nas almas e se immortalizou na memoria dos homens.

As suas *Meditações* cahiram sobre a fronte dolorida da França como uma grinalda de flores desprendida de um olympo christão. Todos se apressuraram a aspirar aquelles perfumes novos e agrestes que no dia seguinte ao das pavorosas refregas faziam sonhar com as delicias da Arcadia. Aquelles versos saturados de luz e de rocio refrescavam a alma. As harmonias da radiante juventude brotavam d'aquella lyra de ouro como de um manancial guardado pelo anjo das doces recordações e das lagrimas espontaneas e puras. O Parnaso francez não conhecia semelhantes accordes. Ronsard coroado nos jogos floraes, que apesar da sua pedantesca erudição e dos seus extravagantes neologismos teve na ode intitulada *Da escolha do meu sepulcro* accentos de verdadeira ternura; De Bellay exaltando Venus nos seus *Jogos rusticos* com delicadeza e graça inimitaveis; Bertaut cantando em ondulantes estrophes, que um seculo inteiro repetiu, a memoria da felicidade passada; Malherbe o severo e cadencioso depurador da lingua; João Baptista Rousseau nas suas odes solennes e suas angelicas cantatas; Lefranc de Pompignan nos raptos lyricos das suas poesias sagradas, tomadas dos psalmos e das prophecias; o enamorado Bertin, e Parny comparado por seus contemporaneos a Tibullo; Millevoye o commovido cantor do *Poeta moribundo* e da *Cahida das folhas*; André Chénier banhado nos esplendores immortaes da musa antiga; todos elles representantes do lyrismo francez na sua mais alta expressão, não davam uma idéa da nova poesia que se apresentava cheia de uncção pathetica, de elegante mollicia, de voluptuosa morbidez, de incensado mysticismo, de melancholia arroubadora e estatica. Circulava n'esses versos radiosos o sopro virginal da aurora, e brilhava n'elles como que um reflexo da alma terna de Petrarca. Tinham a transparencia melodiosa que se admira nas composições de Racine, e ás vezes a vigorosa entoação e a sublimidade de Corneille. O bardo bebera em todas as fontes da inspiração: Deus, a natureza, a arte e o amor; o que porém nos seus quadros dominava, era principalmente o colorido, a frescura e a luz. O nume de Lamartine fluctuava no ether como em seu natural elemento. Conhecia os elevados cumes onde troava o genio vulcanico de Byron, e aonde tempo depois devia remontar-se o genio de Hugo, para percorrer os espaços como o propheta Elias no seu carro de fogo; mas amava os valles nativos, cheios de recordações e de gratas sombras, — a gruta musgosa onde a Naiade murmura ás violetas pallidas os seus mais doces segredos, — o pennacho de fumo da cabana do pastor perdendo-se entre as celagens de uma tarde de outono, — as tepidas ilhas do golfo de Napoles onde um dia devia encontrar Graziella, semelhantes no seu perpetuo jubilo aos cestos de flores que as canephoras gregas sustentavam graciosamente nos braços nas festas das Panathenéas. Confidente da natureza, deixava se arrulhar por todas as suas caricias. A indole do seu talento avinha-se mal com os impetuosos arrancos da imaginação, d'onde provém que o horror, as paixões em convulsivo tumulto, não entravam no dominio do seu imperio. A poesia, dizia elle, *é a commoção pelo bello*, e sob o influxo d'esta idéa ou d'este sentimento aformoseou quantos objectos roçaram as azas da sua rutilante phantasia. Isto não é dizer que se não encumeasse á elevadas espheras. O seu vôo todavia não é o vôo da aguia, senão o da pomba; mas é a pomba que leva no bico o ramo de oliveira, symbolo de paz e de esperança. Lamartine entrou pois triumphante pelas portas da vida. Aos seus primeiros ensaios acolhidos com tão calorosos applausos, seguiram-se varios poemas ora colleccionados ora soltos, raudal harmonioso de nobre e elevada poesia.

A que reflexões, a que influxo se submetteu o seu engenho? Que raio celeste coloriu e sazonou o fructo da sua imaginação? Qual era a seu ver a missão excelsa reservada á poesia na sociedade moderna? Nós cremos primeiro que tudo nos instinctos soberanos que nas naturezas superiores ateiam o fogo da inspiração. Não obstante deixemos falar Lamartine: elle nos dará a chave das suas convicções artisticas. No prologo das *Meditações*, interrogando-se ácerca do caracter que deve ter a poesia em nossos dias, e da sua tendencia mais natural e declarada, responde a si proprio: «a poesia será a razão cantada, e por muito tempo não terá outro destino; será philosophica, religiosa, politica, social, como as epochas que o genero humano vai a atravessar; será intima sobretudo, pessoal, meditativa e grave; não já uma diversão do espirito, um capricho melodioso do pensamento voluvel e superficial, senão o echo profundo, real, sincero, das mais altas concepções da intelligencia, das impressões mais mysteriosas da alma; será o mesmo homem, e não já a sua imagem, o homem simples e completo».

Não bastava á poderosa imaginação do poeta o suave clima das verdes collinas onde as musas o coroaram. Necessitava mais espaço e mais luz: partiu para o Oriente. Escreveu logo elle mesmo a sua odysséa esplendida, cheia de interessantes peripecias, de perfumadas e pastosas paizagens, de resplandecentes descripções, de reflexões profundas, de amena e galante erudição. De volta aos patrios lares, depois da revolução de julho o voto dos seus concidadãos levou-o ao parlamento. A tribuna foi para Lamartine o Sinai onde a liberdade veiu a inspirar lhe seus conselhos. Alli o idealista sonhador, espargindo thesouros de sublime doutrina, em quanto homens praticos discutem as questões politicas, occupa-se das questões sociaes no ponto de vista humanitario e philosophico. Os collegas, que lhe admiram a facundia, sorriem-se da sua candida fé. Mas o mundo, que pouco attende ás minucias administrativas que tanto acaloravam os debates da camara franceza, escuta com enthusiasmo crescente o fervoroso tribuno que defende a liberdade nos costumes e nas leis, e que, inspirando se no evangelho, propugna em magnificas arengas pela emancipação dos escravos, pela abolição da pena de morte e pela fraternidade universal.

Proximo estava o tempo em que conquistando a opinião falaria ao povo de logar mais alto. O orador, como se quizera levantar um portico por onde passasse em triumpho a Republica, escreve a Historia dos Girondinos, que é simplesmente a dramatica epopéa da revolução franceza. Em vão se procurará n'esse famoso livro a famosa simplicidade tão recommendada por Quintiliano e Longino. Alli o pensamento, á maneira de ave de riquissima plumagem, guarece-se na frondosidade do estylo, que corre com um clarissimo resplandor de palavras, fluido, insinuante e vivaz, atravéz das ousadas metaphoras e de deslumbrantes hyperboles, buscando a sanja profunda das idéas que por toda a parte transbordam. N'essa obra monumental e excessiva, que seduz contra os preceitos da arte, e em que o historiador parece haver escripto os seus juizos sobre a tripode ardente da pythoniza, tudo, até o crime, se encontra embellecido. Se fizessemos uma critica, condemnariamos essa falta de energia moral. Mas o que por um lado é censuravel, vem por outro testemunhar o magico poder do escriptor, que na sua bondade ingenita, no seu ingenuo optimismo, se inclina com frequencia ás attenuações, fazendo-nos

participes dos seus sentimentos, como se o homem, fragil instrumento da vontade suprema, arrastado pela onda sangrenta das revoluções, só merecesse a compaixão aqui em baixo e o perdão no seio da misericordia divina.

Como quer que seja, os Girondinos são mais que um livro. N'esse drama encontra-se uma galeria de estatuas severas, iracundas, nobres, bellas, gloriosas; as sombras dos verdugos e as victimas contemplam com assombro a patria regenerada ao clarão do incendio que uns ateiam e em que outros, a maior parte, perecem : immolação espiatoria de muitos seculos de aviltamento e escravidão. No fundo do tremendo quadro ergue-se velado entre nuvens o templo egregio da liberdadade, e no santuario d'esse templo, como um labaro de redempção, a bandeira da Republica que o povo, exaltado ante o grandioso espectaculo e as heroicas recordações do passado, arrebata para ir golpear com a sua forte hasta o velho alcaçar dos reis que, antes de perguntarem quem os procura, fogem espavoridos entre a turba dos seus famulos conturbados, a occultar no extrangeiro a sua derrota e affronta.

A revolução de 48 levou Lamartine ao poder : nova e culminante face da sua tempestuosa carreira. Uma vez senhor da auctoridade, fortalecida pela sua eloquencia que se tornara formidavel, realiza immediatamente em communidade com os seus collegas os bellos sonhos que os incredulos qualificavam na vespera de pueris utopias. Proclama-se a Republica, as penas mais barbaras desapparecem da legislação, supprimem-se o juramento e a pena de morte por delictos politicos, dictando-se ao mesmo tempo a liberdade dos escravos ; os orphãos, os proletarios e os desvalidos encontram no governo provisorio protecção e amparo. Semelhante reacção não podia effectuar-se sem um abalo terrivel. As correntes subterraneas que minam o solo da França rebentaram a um tempo e subiram em ondas aterradoras até o executivo, ameaçando inundar a nação inteira com desoladora pujança. No momento supremo Lamartine impôs-se o dever de conjurar a tempestade. Armando-se da espada da palavra, segundo a phrase biblica, fulminou a anarchia, conquistando para si no pantheon da historia um logar ao lado de Cicero e Demosthenes.

Alguns teem abrigado duvidas a respeito das suas faculdades governativas, e não falta quem o accuse de haver torcido o curso da revolução. A historia que se pronuncie sobre factos tão graves. Nós não nos sentimos em disposição de o criminar. Se acaso commetteu alguma falta, a França não poderia exonerar-se da sua responsabilidade. Só os povos envilecidos accusam dos seus erros aos que estão no poder. O que tem nas mãos o destino das nações, é o unico juiz imparcial dos successos sanccionados pela multidão.

Destruida a Republica, Lamartine cahiu envolto nas suas ruinas. Mas o seu animo robusto não se deixou abater. O machado que feriu o tronco da arvore generosa, fez brotar de novo o seu perfume e seiva. Lamartine salva a penna de entre o pó do combate, em que as suas virtudes civicas e o seu valor antigo lhe serviram de aureola, e correndo com pasmosa rapidez a escala do pensamento humano, dá-nos essa serie ininterrupta até a sua morte, de historias, de biographias, de novellas sentimentaes, de expansões intimas, de trabalhos litterarios de toda a especie, magnificas pinturas a fresco ou graciosas aguarellas, que teem, qual mais qual menos, o sello do seu engenho vivaz e da florida belleza do seu estylo. N'este improbo labor foram-se-lhe exgottando as forças da vida. O grande obreiro que na prodigiosa actividade da sua mente não teve tempo de occupar-se dos seus interesses materiaes, viu-se de subito na necessidade de vender até o sagrado recinto dos seus antepassados. Então não pôde conter um grito de dôr. A vaidade humana não consente sem sarcasmo estas humilhações do genio ; gosa no espectaculo das grandes quedas, havendo chegado n'este caso ao extremo de mofar da fraqueza e miseria do varão illustre que reclamava em voz alta o pão de cada dia, depois de ter dado alimento intellectual durante uma longa vida a milhares dos seus semelhantes. Sejamos nós mais indulgentes com esse peregrino extraviado em busca da Jerusalem celeste ; talvez considerou que era muito tarde para viajar mendicante de cidade em cidade como o cego de Smyrna ; quiçá o que emancipara tantos homens, não teve como Camões um escravo, um amigo diremos melhor, que pedisse esmola pelas ruas para soccorrel-o na sua penuria. A voz da sua angustia foi em fim ouvida pelo seu paiz natal : a França não quiz deshonrar-se, desattendendo o clamor da velhice de um dos seus filhos mais preclaros.

Estas nuvens agglomeradas sobre uma existencia tão cheia e luminosa, já as dissipou o vento da morte. Resta só frente a frente da posteridade a sua nobre imagem. Dirá ella que se Lamartine não foi um pharol immovel no meio do oceano, tendo participado das oscillações do seu seculo, houve n'elle a unidade do pensamento na virtude; dirá que foi uma das intelligencias mais vastas, das naturezas mais prodigiosas, conjuncto multiplo de faculdades eminentes, e que no seu peito terno e varonil bateu um coração formado para comprehender e amar todas as cousas grandes da terra e do céo.

Francisco de Almeida.

NOCTURNO

I

Incommodo-me aqui Talvez me seja grato
Divagar pela rua, a tomar ar mais fresco.
Gosto d'um meio assim muitissimo pacato,
Que ainda conserva um ar de timido recato,
Como não tem o grande mundo principesco.

Na rua trens de praça, americanos, gente
A's montras, onde a luz electrica é um astro.
E triste, perpassando ao largo, lentamente,
Um enterro moroso, uma creança doente,
Que floresce depois em secias de alabastro...

Põe na rua um tom loiro o carro mortuario,
Como a coma talvez da criancita morta.
A Innocencia a dormir n'um leito funerario !
Um lyrio que pendeu ! Ó esquife — relicario,
Que de beijos de mãe o seio teu comporta !

Vejo o quadro final : as despedidas ternas,
O pranto, o desconforto, a dôr do coração,
As promessas do céu, as supplicas eternas,
E por fim,—fundo negro ! as campas, as lanternas,
E a terra enodoando a alvura do caixão...

Apregoa um garoto as ultimas cautellas,
Que trazem a riqueza ! A clara luz corusca.
E da sinuosidade esconsa das viellas
Vem phrases sem pudor, creanças amarellas,
— Todo um bairro de Febre e de materia brusca.

Um clarão de luar bate pela vidraça
D'uma fachada, lacteo, a reçumar lyrismo.
E na abobada azul a lua etherea passa
Fria, morta, a rolar, sempre cheia de graça,
Como um genio de Paz, a prescrutar o abysmo...

Estrellas ! sois decerto as lagrimas vertidas
Pelo profundo olhar do poetico Jesus...
Mundos que eu sonho em vão, photospheras perdidas,
Prefiro o riso ao choro ! — Alvoradas floridas,
Vinde trazer-me ao peito as egides de luz !

Como chora a Via-Lactea e como chora o mundo !
Não quero passear silencioso mais
Ao theatro ! vou rir, quero o prazer jucundo.
—A Humanidade lembra um grande mar profundo
Com perolas, e lodo, e monstros e coraes...

II

— Tudo silencio ; é tarde. O panno levantado...
Ha reverberos crus na pedraria falsa.
O tenor pequenito, altivolo, enfesado,
Desafia a duello um conde namorado,
Ao compasso moroso e terno d'uma valsa...

E cae o panno assim, presagiando o duello.
Alastra-se o sussurro ; erguem-se espectadores ;
E começa depois ternissimo, singello,
O torneio festivo e alegre dos amores.

Sae muita gente. Eu fico um pouco a presencear
A impureza, e o decoro—um mixto heterogeneo.
O jornalista, o dandy, o padre, o titular,
E uma senhora gorda, afflicta no logar
Por causa do calor e falta de oxigenio.

A meu lado destaca o vulto bem amado
D'uma boa velhinha encanecida e doce.
E na frente, com linha, um dandy perfumado,
De geranios ao peito, a reprimir a tosse...

Cheira-me a opoponax, cofia-se gentil,
Ageitando no olhar um vidro de vidraça,
E olha fulo um burguez obeso, mercantil,
Que ao passar o empurrou, pouquissimo civil,
Sentando-se depois fungando de chalaça.

Apitam. Lembra a orchestra um temporal que avança,
Com ruflos de tambor e pratos e metaes.
Depois pelos violins ha preces de creança,
Saudosos, como o luar nos claustros medievaes...

E o panno sobe... Então d'um camarote ao lado
Sinto binocular-me : és tu que me sorris.
Surprehendes me ! Não vira o teu perfil sagrado...
— Ponho a vista na scena, um largo arborisado,
Que julgo pertencer a um bairro de Paris.

Vamos agora ouvir prantos de serenada,
Que o tenor, ao violão, gorgeia sob a lua...
— Murmurios na plateia, um *schiu !*... Enamorada
A voz treme, suspira, eleva-se, fluctua...

Escurece no palco : é noite — A luz resplende
Agora no salão.— Anemicas, brilhaes
Na seda, no cabello onde uma rosa pende,
Nos olhos onde o amor ás vezes vos accende
Carbunculos de luz, pedras imperiaes !

Ignorancia, ahi tens rapazes teus adeptos
Falando, criticando, a darem-se ares gentis ;
E os filhos vêm assim, veem depois os netos
Inuteis, immoraes, cobardes, imbecis.

Nem sei como tu vieste,— aguia queimando as azas ! —
E como eu vim tambem,— que podridão immensa!
Quanto melhor não é viver em nossas casas,
Como n'um sanctuario em que te não abrazas,
Alma ingenua, alma em flor, aureo vaso de crenças...

Levantemos um dia a fronte já cançada
Á flor do tremedal onde frementa a vida,
E vamos aspirar,— germanica ballada,
Peregrinos do Ideal, a uma ventura unida.

São chimeras, bem sei, aspirações radiosas,
— Flor de lotus gentil, uma de sonhos brancos ! —
E pura, has de viver como vivem as rosas,
De lama e de bom sol, com plantas venenosas,
O vestido a rasgar nas silvas dos barrancos !

Porto — 1889

Julio Brandão.

UMA LICÇÃO DO AVÔ

Conto social

(Continuado do n.º 440)

— Porque a Indiana é mais fertil, mais abundante em lagos, em minas de petroleo, de ferro e cobre, e, sobre tudo, tem mais florestas e mais caça.

Por isso os emigrados, depois de terem utilisado da floresta a madeira para se abrigarem e a lenha para se aquecerem, pegaram na espingarda e fizeram-se caçadores para proverem á sua alimentação e ao seu vestuario.

— Tal como os primeiros homens, não é assim ?

— Com uma differença notavel ; dispunham de instrumentos aperfeiçoados, o que os primeiros homens não tinham, os homens da edade paleolithica, cujos instrumentos eram de pedra lascada e que os cultores da archeologia pre-historica tem arrancado das entranhas da terra n'essas camadas chronologicamente anteriores ás do sólo actual. Quando o rapazola chegou aos doze annos, aprendeu a escrever com um moço seu visinho, que lhe ministrou algumas licções muito elementares. Mas era tal a vontade que o pequeno tinha de instruir-se, que, com o producto do trabalho de cada dia, comprava os livros necessarios, e, á hora em que todos repousavam, elle velava agarrado a elles, a estudar, a estudar...

— E tinha muitos livros ?

— Não podia ter muitos, porque não lhe era facil compral-os pela falta de meios e pela distancia da povoação onde se vendiam.

Ainda assim, para se fornecer dos que lhe eram mais indispensaveis, fazia a pé caminhadas de oito leguas !

— Coitado ! Principio a gostar do pequeno. Se o visse abraçava-o. Que pena tenho de que elle não more ao pé de mim, porque havia de pedir ao avô que lhe emprestasse os seus livros ; e, eu mesmo, lhe daria para lêr o meu David Levingstone, o meu Stanley, e até os meus Julio Verne, Cameron, Murphy...

— Tolinho, cala-te ahi; atalhou o avô, pondo a mão em frente da bocca pequenina e acereijada do neto... Não reparas que esses auctores são muito modernos, e que as suas obras não podiam lêr-se ainda n'aquelle tempo?

D'esses, o mais velho, Levingston, só começou as suas viagens scientificas em 1840.

O pequeno reflexionava.

Apoz um lampejo d'alegria, que lhe passava rapido pela retina dos negros olhos, argumentou:

— Que, se elle tinha formulado o desejo de emprestar os seus livros, era no caso do rapaz ser da sua edade, existir ainda e brincar com elle.

E ficou muito contente de si, com uns ares satisfeitos, alegres, por ter dado a rasão do seu dito.

O avô riu-se da esperteza da resposta, tão rapidamente combinada, e disse de si para si:

— Sim, senhor; marque lá um tento, seu espertalhão.

E, depois, em tom cathedratico, aprumando-se com as costas da pultrona algum tanto fôfa, mas já bastante coçada e debotada no estofo.

— Pois saberás, meu pequeno, que o tal rapaz fez tão rapidos, tão admiraveis progressos, que aos dezoito annos já era secretario do cantão. Mas ainda não é tudo; uns negociantes de farinha, confiando illimitadamente na probidade e intelligencia do moço, incumbiram-lhe levar uma carregação d'aquelle genero a Nova Orleans pela via do Mississipi.

— Bem sei; o Mississipi é o maior rio d'America do norte; nasce no lago Itasca, banha as cidades de S. Luiz, Natcher e Bâton-Rouge e desagôa no mar do Mexico, junto da cidade de Nova Orleans, o seu maior confluente é o Missouri.

— Cuja nascente está nas montanhas Rocheas, a oeste, e cujo curso só foi bem conhecido depois da expedição de Lewis e Clarke: Concluiu o avô, para completar aquelle conhecimento geographico do neto.

Então o pequeno deixou de ser lenhador para ser barqueiro?

Pouco melhorou a sua sorte!

E ganhava muito dinheiro no seu novo officio?

— Cincoenta francos por mez.

— Que a rasão de cento e oitenta e dois réis o franco, é pela nossa moeda...

...E n'isto o pequeno começou a fazer mentalmente a reducção dos francos a reaes; mas o avô, para não lhe fatigar a intelligencia, atalhou logo:

— São nove mil e cem reis por mez.

Lulu baixou a cabecinha, fincou o queixo na mão do braço direito, que tinha apoiado sobre a coxa, e disse tristonho:

— Tanto trabalho e tantos perigos por tão mesquinho salario!

— Já subindo na escala, como convem; a cada novo passo deveriam corresponder novos interesses. Quando o moço chegou á maioridade a familia d'elle deixou a Indiana e passou ao Illinois, de um clima mais sadio e agradavel, que os francezes occuparam em 1693 para o cederem á Inglaterra setenta annos depois, e que esta ultima potencia se viu forçada a entregar aos Estados Unidos em 1783. É hoje um grande estado da republica, aquelle! Tem vinte e nove linhas ferreas abundantes minas de petroleo, cobre e ferro; muitas fontes d'aguas salgadas e um solo fertilissimo, especialmente o marginal dos rios que o banham.

(Continua) *A. Motta.*

REVISTA POLITICA

No curto espaço de dois mezes e dias já se abriram e fecharam as côrtes duas vezes, o que se não tem vantagem nenhuma para as instituições, sempre terá algum interesse para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro, que vende os bilhetes de passagem aos varios deputados provincianos que correm pressurosos a salvar a patria, muito embora a vão perdendo, nas melhores intenções d'este mundo.

Sim faça-se-lhes essa justiça; elles não a perdem por serem maus, é simplesmente por não saberem salval-a, o que emfim sempre é um pouco mais difficil que salvar um recruta da tropa, o arranjar um emprego para si ou para os afilhados, o transferir um escrivão de fazenda que não convenha pelo demasiado escrupulo das suas matrizes, ou vencer uma eleição ainda mesmo que seja a pau.

Tudo isto são coisas muito mais faceis, devem concordar, do que achar meio de saldar a despeza do estado sem recorrer a successivos emprestimos que nos vão pondo a pão e laranjas emquanto nos não pôem sem camisa.

É por isto que o emprestimo foi votado nas duas casas do parlamento, com muito mais presteza do que se costuma votar uma torre de sinos para a egreja de qualquer aldeia, suprema ambição d'uns tantos eleitores que mandaram de presente ás côrtes um deputado com essa condição.

O mais curioso, porém, é que todos votaram o emprestimo com muito mais vontade de o não votarem, pelo menos na apparencia, fazendo alguns deputados e pares a declaração que votavam, reservando-se para depois dizerem o que entendiam sobre o assumpto.

O PRINCIPE NAPOLEÃO — FALLECIDO EM 17 DO CORRENTE

Ora esta declaração faz-nos convencer cada vez mais de quanto os nossos compatriotas gostam da oratoria pelo simples amor da arte, de falar, falar e mais nada, vasios de ideias, quando muito limitados a um interesse particular e estreito, despendendo enorme cabedal de rethorica para resolver o que com duas palavras ficaria dito.

Para que servirá discutir depois o que já não tem remedio; fazer recreminações do que todos tem culpa, e tem culpa justamente por esse systema de discutir.

Nós parecia-nos que sendo o emprestimo onoroso como é, sendo mesmo mais que oneroso, nobluso, pois nem se sabe bem o preço d'elle, havia uma coisa muito mais simples do que votal-o como quem compra nabos em saccos, e era saber a rasão d'esse mysterio antes de o votar, e saber esta rasão não nos parece que seja muito difficil, sabem-n'o todos; é a desorganisação das nossas finanças.

Porque é que o governo, que tanto luctou para alcançar este emprestimo em melhores condições, não fez a unica cousa que poderia modificar essas exigencias onerosas e era acompanhar a sua proposta de emprestimo com outras propostas tendentes a equilibrarem as finanças do estado por meio de reducção nas despezas e melhoria nas receitas.

Cremos que estas medidas seriam muito mais proficuas para o bom resultado da operação financeira, que todo o despendio de palavras, de conferencias, de accordos para chegar á triste conclusão a que se chegou.

Cremos que estas medidas positivas eram o unico argumento mais convincente para debellar a usura dos capitalistas e a sua exigencia do monopolio do tabaco.

Era isto que se devia ter discutido no parlamento, era para isto que elle se devia ter reunido e só ter votado o emprestimo como o governo o apresentava, depois de se provar á sociedade que não havia meio de conseguir melhor.

Para que servirá remendar as finanças com este emprestimo, se ámanhã virão difficuldades maiores que rasgarão brutalmente o remendo agora deitado? E se este governo livre de compromissos politicos, não póde realisar as reformas necessarias para o equelibrio orçamental, donde virá então o governo que faça esse milagre?

E dignam-nos se não temos razão em dizer que o parlamento consome a sua oratoria no amor da arte, emudecendo perante as questões verdadeiramente graves, que elle devia profundar e estudar com patriotico interesse.

Se para se obter um tal emprestimo se fizeram esforços titanicos, o que seria se os titans tivessem morrido todos e os esforços ficassem em boa e santa paz.

Pois por este andar talvez chegue a não haverem esforços possiveis, e para evitar esse triste epilogo é que é preciso dirigir toda a attenção para as reformas administrativas que nos livrem d'esta dependencia da agiotagem tão dolorosa como a dependencia da Inglaterra que nos tem despojado das nossas melhores riquezas.

E para que a dezena não passasse sem uma nova complicação com a nossa *fiel aliada*, o telegrapho trouxe a noticia do apresamento d'um vapor inglez o *Countess of Carnarvon* no rio Limpopo por uma canhoneira portugueza a *Mac-Mahon*.

O vapor inglez conduzia armas e munições de guerra, o que é considerado contrabando pelas leis do paiz e as auctoridades portuguezas apresando o inofensivo barquinho, cumpriram simplesmente o seu dever fazendo respeitar os tratados.

Entretanto a imprensa ingleza, acesa em ira, dá por paus e por pedras contra o apresamento do vapor que de resto pertence a *Sout African Company*, a mesma que provocou o conflicto de Manica.

Não se sabe ainda como procederá o governo inglez sobre este novo incidente, apesar de no parlamento britannico já terem sido feitas perguntas ao governo a este respeito.

O que sabe é que o governo portuguez ainda não recebeu nenhuma reclamação do gabinete de S. James, o que tanto póde ser de bom como de mau agouro, porque emfim esperar que os inglezes nos achem razão alguma vez, val tanto como esperar que elles deixem de abusar extraordinariamente do bello licôr com que o incauto Noe se embebedou.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43